

Mas o Guia esclareceu:
 — “Joaquim, eleva ao Senhor
 A luz do seu pensamento,
 Há muita vida esperando
 O rico vovô Sarmento.
 Na sua prosa de ontem,
 Notamos o seu progresso,
 A sua contradição
 Foi um primor de insucesso!
 Enquanto você pensar
 Na importância do dinheiro,
 Seja em papel ou metal,
 Por instrumento de dor
 Ou por agente do mal,
 Qual se você fosse louco,
 Do dinheiro necessário,
 Você terá muito pouco...”

TEORIA E PRÁTICA

João Cota chamou o filho,
 Conhecido por Joãozinho,
 E passou a prepará-lo
 Para as lutas do caminho.
 Estava perto, na mesa,
 Uma garrafa aprumada,
 Com líquido claro e leve
 Sobre toalha bordada.
 O pai falou ao rapaz:
 — “Ouça o que vou lhe dizer:
 O líquido à nossa frente
 É o veneno do prazer.
 Foi garapa açucarada
 De cana que se cultiva,
 Passou por transformações
 E agora é uma “cousa viva”.”

Foi muito doce, mas hoje
 É fogo na vida humana,
 Tem o nome de aguardente,
 Cachaça, pinga, umburana...
 Dizem que vem de mandraca,
 É vapor de algum feitiço,
 Tomba a pessoa na rua,
 Tira o homem do serviço.
 Creio que vem do demônio
 Que anda em canaviais,
 Furta a mulher do marido,
 Separa o filho dos pais..."
 O pai calou-se um momento,
 Mas voltou com voz segura:
 — "Prometa, meu filho, agora,
 Não beber essa loucura."
 Joãozinho explicou-se, humilde:
 — "Pai, o seu verbo é uma lei!...
 Dessa praga na garrafa
 Não quero, nem beberei..."

Houve silêncio entre os dois,
 Mas o pai de mão alçada
 Baixou-a, certa na pinga,
 E enguliu à talagada.
 O moço aflito, pergunta:
 "Meu pai, o que vejo eu?
 Esse líquido é veneno
 E, acaso, o senhor bebeu?"
 O velho desapontado
 Falou, de cara amarela:
 — "Sim, filho, a pinga é um veneno
 Mas não sei passar sem ela."